

# **Entre Salazar e Caetano: A ação política e propagandística do Estado Novo na RTP**

*Between Salazar and Caetano:  
The political and propagandistic action  
of Estado Novo in RTP*

## **Celiana Azevedo**

Universidade Nova de Lisboa e ICNOVA  
celianaazevedo@fcsh.unl.pt  
ORCID ID: [0000-0002-1768-2525](https://orcid.org/0000-0002-1768-2525)

## **Catarina Valada**

Universidade Nova de Lisboa  
/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
cattvalada@gmail.com  
ORCID ID: [0000-0001-9273-7592](https://orcid.org/0000-0001-9273-7592)

## **Joana Gil**

Universidade Nova de Lisboa  
/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
joanagiljorge@gmail.com  
ORCID ID: [0000-0002-0302-2980](https://orcid.org/0000-0002-0302-2980)

## **Maria Leonor Moura**

Universidade Nova de Lisboa  
/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
leonormoura1@gmail.com  
ORCID ID: [0000-0002-3451-2739](https://orcid.org/0000-0002-3451-2739)

## **Pedro Alves Godinho**

Universidade Nova de Lisboa  
/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
pedro.godinho2001@gmail.com  
ORCID ID: [0000-0003-3512-8752](https://orcid.org/0000-0003-3512-8752)

**Resumo:** Quando a RTP surgiu, Portugal encontrava-se mergulhado num regime ditatorial que vigorou até 1974. Do mesmo modo que os outros meios de comunicação eram controlados pelo Governo e, frequentemente, utilizados como um mecanismo do aparelho propagandístico do Estado, especialmente a imprensa e a rádio, também a televisão viu a sua capacidade informativa aproveitada como um veículo ideológico do regime. A televisão estatal portuguesa, portanto, consolidou-se sob pressupostos de apertado controlo e sem interesse visível pela opinião do público. Apesar dessa realidade ter permanecido na totalidade do Estado Novo, algumas diferenças podem ser apontadas quando comparamos os Governos de António de Oliveira Salazar e Marcello Caetano. Assim, esta pesquisa visa contribuir para um melhor entendimento da História do telejornalismo em Portugal ao apontar como a ação política e propagandística do Estado Novo na RTP foi empregada em ambas as administrações e quais as suas diferenças e semelhanças. Parte-se, então, de aspetos elementares do caráter dos dois autocratas para compreender as particularidades da ação mediática de cada um, explorando, também, os aspetos histórico-sociais que contribuíram para esse contexto. Para isso, realizamos uma análise qualitativa de 27 peças noticiosas veiculadas na RTP entre 1964 e 1974, cujo ator principal foi Salazar ou Marcelo Caetano, oferecendo uma visão analítica e crítica sobre o modo como a imagem pública de cada um era transmitida para a população. A partir desta pesquisa, verificamos que Salazar diverge de Caetano na sua abordagem televisiva, convergindo, no entanto, na manutenção dos valores do regime. Dá-se a cisão no que toca à imagem pública dos intervenientes: Salazar não via a televisão como potenciador do regime e, devido à sua personalidade introvertida, não assumia protagonismo. Por sua vez, Caetano crê no papel da RTP e na sua importância no controlo da opinião pública, denotando-se a natural propensão de orador.

**Palavras-chave:** Estado Novo; RTP; António de Oliveira Salazar; Marcello Caetano.

**Abstract:** *When RTP first aired, Portugal was immersed in a dictatorship that lasted until 1974. The television service, alongside other media outlets such as the radio and the press, was controlled by the government and used as a propaganda mechanism, having its informative qualities used to convey the regime's ideology. The Portuguese state television was built in conformity with the government standards, being highly controlled by it, with no apparent interest in the public's opinion. Even though this was a constant reality throughout the Estado Novo period, we can point out some differences when comparing the ruling of António de Oliveira Salazar with Marcello Caetano's. This research aims to contribute to a better understanding of the History of telejournalism in Portugal by dissecting how the political and propagandistic acts were employed in RTP in the two administrations of Estado Novo and its differences and similarities. We analysed fundamental aspects of the character of these two autocrats to further understand each one's mediatic particularities. The socio-historical aspects that contributed to the time's political landscape on the media were also investigated. The conclusions drawn in this paper were based in a qualitative analysis we made of 27 news articles from RTP, broadcasted between 1964 and 1974, that featured either Salazar or Caetano, offering an analytic and critical view over the way their public image was conveyed to the population. Given the results, it was possible to testify that Salazar is distinguished from Caetano in his approach to television; however, the values of the regime broadcasted do not change with the transmission of power. The public image of the two autocrats diverges: Salazar did not see the potential in television as a means of empowerment to the regime and, due to his introverted personality, avoided being regarded as a protagonist, whereas Caetano believes in RTP's role in controlling the public's opinion, demonstrating his natural public speaker abilities.*

**Keywords:** Estado Novo; RTP; António de Oliveira Salazar; Marcello Caetano.

## Introdução

Entre 1933 e 1974, Portugal esteve imerso num regime totalitário, sob a administração de António de Oliveira Salazar, e ditatorial que se manteve durante 41 anos e que apenas viu o seu término a 25 de abril de 1974, aquando da Revolução dos Cravos. O regime de Salazar, intitulado de Estado Novo, fez-se prevalecer sobre todos os aspetos da política, economia e da sociedade

em geral. Inspirado pelo fascismo de Mussolini — “tudo pela Nação, nada contra a Nação” — o interesse do país estaria acima do indivíduo. Sobrepõem-se, então, os princípios salazaristas a quaisquer outros, impondo aos portugueses uma única forma de estar em sociedade.

Os princípios “Deus, Pátria, Família” eram, deste modo, incutidos aos portugueses por meio das ferramentas ao alcance do Estado. Através dos currículos escolares manipulados, formavam-se os jovens em torno dos valores do regime. Apostava-se na propaganda pró-Salazar, a qual tinha em vista colocar o líder numa posição quase divina. Adulteravam-se acontecimentos, praticava-se a censura nos meios de comunicação que deveriam difundir somente as informações cujo cerne estivesse de acordo com o regime. Assim, era predominantemente através dos *media* que o Estado difundia a sua propaganda.

A manipulação dos *media* por parte do Estado foi uma ferramenta utilizada transversalmente durante a ditadura em Portugal. A chegada ao poder de Marcello Caetano em 1968, aquando dos problemas de saúde e falecimento de Salazar, não abalou a estrutura de controlo mediático do Estado. Dado o grau de importância dos *media* na experiência social dos cidadãos, abandonar o aparelho de censura não foi uma opção para o regime. No entanto, registam-se algumas diferenças no modo de encarar e dar uso aos meios de comunicação por parte de ambos os Chefes de Estado.

Partindo da questão “Quais as diferenças da cobertura mediática da RTP nos últimos anos do mandato de Salazar e durante o período marcelista?”, iremos abordar, comparativamente, a ação política nos *media* em ambos os momentos. Pretendemos estudar, deste modo, a RTP entre 1964 e 1974, década que incorpora os últimos anos de Salazar no poder e a administração de Caetano.

Procuramos, também, perceber de que modo a imagem pública transmitida por Salazar e Caetano influenciava a ação que tinham nos *media*, já que se tratava de personalidades vinicamente distintas. Para além da pergunta principal, outras também serviram para nortear a presente pesquisa, como: Será, então, possível veicular os mesmos valores através de diferentes abordagens? Terão partido estas disparidades nos *media* da imagem pública transmitida por Salazar e Caetano? Ou, por outro lado, terão sido os avanços tecnológicos a fomentar as mudanças discriminadas entre as duas administrações?

### **Contextualização histórica**

A I República Portuguesa cai devido à instabilidade política. Entre 1910 e 1926, existiram, aproximadamente, quarenta e cinco governos, surgiram vários grupos políticos, houve golpes militares e pequenos períodos de ditadura. Para além disto, a economia encontrava-se degradada e o descontentamento populacional era profundo e generalizado. Assim, a 28 de maio de 1926, Gomes da Costa encabeça um golpe militar que coloca um ponto final na I

República e Mendes Cabeçadas passa a governar o país em regime de ditadura militar, suspendendo a Constituição de 1911 (Pinto, 2010: 9). Óscar Carmona é eleito Presidente da República e, simultaneamente, António de Oliveira Salazar é convidado para chefiar a pasta das Finanças. Em 1932, Salazar é nomeado chefe do governo com a aprovação da constituição em plebiscito e, com a Constituição de 1933, são-lhe atribuídas novas competências, como a de Presidente do Conselho. É a coberto dos poderes que lhe são conferidos por esta constituição que se instaura o Estado Novo. A ideologia do regime em vigor a partir de 1933 baseava-se na trilogia “Deus, Pátria, Família” e sustentava-se em vários pilares, tais como: o ruralismo, o autoritarismo, a autocracia (e o culto da personalidade/chefe), o nacionalismo, o corporativismo, o conservadorismo, a autarcia e o colonialismo (Couto, 2016).

O Estado Novo atuou de maneira propagandística de modo a obter o controlo das massas. O ensino foi um enorme aliado da difusão da ideologia salazarista com programas e livros escolares sendo revistos e alterados e tornando-se obrigatório o crucifixo e a imagem de Oliveira Salazar nas salas de aula (Pinto, 2010, p. 79).

Quando se levantasse a questão “Ensinar o povo a ler? Para ler o quê?”, a resposta seria “Aquilo que o Estado permita e o que ao Estado convenha”, o que cumpria um duplo objetivo: o de impedir que a população pudesse tomar contacto com as doutrinas políticas inconciliáveis com o novo regime; o de formar o carácter e o espírito das crianças e jovens conforme a ideologia do Estado Novo (Griolo, 2011, p. 199).

Criaram-se mecanismos como a Censura e a polícia política que perseguia, detinha e torturava os opositores ao regime (a PVDE, que alterou o seu nome para PIDE em 1945). Fundou-se o partido único União Nacional, a Legião e a Mocidade Portuguesa, o Secretariado de Propaganda Nacional, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, organismos que manipulavam a opinião pública e patrocinavam quem enaltescesse o regime. Para além disso, obteve-se controlo de todos os meios de comunicação social para as massas — jornais, televisão, rádio, entre outros.

Durante a década em análise (de 1964 a 1974), o regime chefiado por Oliveira Salazar encontrava-se em decadência devido a grandes dificuldades e atrasos económicos agravados pelos conflitos coloniais. Decorria o ano de 1968 quando Marcello Caetano substituiu Salazar, cuja saúde se encontrava fragilizada, vindo a morrer dois anos depois. Dá-se início, deste modo, à denominada “Primavera Marcelista”, adquirindo este nome pelo aparente clima de mudança que se fazia sentir.

Conceitos como “Primavera Marcelista” e “renovação na continuidade” marcaram o quotidiano político entre 1968 e 1974. (...) escondia-se uma abertura política demasiado limitada e hesitante (...) A crise do marcelismo, indissociável do conflito colonial, era o ato final de um regime esgotado

que não fora capaz de se reformar, evoluir e democratizar e que, sucessivamente, fora perdendo várias oportunidades suscetíveis de abrir uma transição ou reforma (Ruivo, 2013, p. 55).

Houve uma intensificação da oposição e das denúncias internacionais e foram promulgadas várias medidas, tais como a reforma no ensino e o regresso dos exilados, como Mário Soares ou o Bispo do Porto. A censura passou a denominar-se Exame Prévio, o partido União Nacional alterou a sua nomenclatura para Ação Nacional Popular e a PIDE passou a ser Direção Geral de Segurança (Couto, 2016, p. 110). Simultaneamente, imprime-se uma perceção de repressão diminuída.

O marcelismo não foi uma simples continuidade do salazarismo. Sem ter operado uma rutura com o salazarismo nem rejeitado o seu legado, acabou por se traduzir na modernização e reforma de várias dimensões da vida portuguesa herdadas do passado. O projeto político do marcelismo pode ser sintetizado em três grandes desafios ou linhas de força: modernizar e abrir o regime, encontrar uma solução para a guerra colonial e encetar o desenvolvimento económico em moldes modernos assente na iniciativa privada e na aproximação e abertura da economia ao exterior (Ruivo, 2013, p. 60).

Instituiu-se, também, o voto feminino, a fiscalização de mesas de voto e a legalização de grupos políticos de oposição. No entanto, as eleições permaneceram fraudulentas. Por esta altura, acentuou-se o isolamento internacional de Portugal, perdendo, de forma gradual, os seus aliados, tendo sido negada a integração portuguesa num projeto europeu comum. Ao corrente destes acontecimentos, Caetano é insultado em Londres e a imagem internacional do governo torna-se insustentável. Toda a oposição, descontentamento e sede de mudança culminou no 25 de abril de 1974, com o golpe de Estado conhecido como a Revolução dos Cravos organizado por militares com o objetivo de derrubar o regime, ordenando a destituição de Marcello Caetano. Findou, deste modo, a ditadura portuguesa (Pinto, 2010, p. 110).

## **Metodologia**

A temática que objetivamos aprofundar baseia-se nas diferenças propagandísticas e televisivas durante os mandatos de Oliveira Salazar e de Marcello Caetano. Deste modo, definimos uma década que abrangesse ambos os líderes políticos: 1964 e 1974. Ou seja, um período que compreendesse o governo de Salazar e de Marcello Caetano para que pudéssemos observar e compreender a transição política, televisiva e propagandística, que pretendemos aprofundar. O período escolhido deu-nos, a oportunidade de vislumbrar, mesmo que brevemente, o pós-ditadura.

Para analisar a época selecionada, recorreremos ao arquivo do canal televisivo RTP — RTP

Arquivos <sup>1</sup>, que possui uma vasta oferta de conteúdos com livre acesso. Seleccionamos 27 peças noticiosas referentes ao governo de Salazar, de Marcello Caetano e ao pós-revolução.

**Tabela 1**  
*Peças seleccionadas*

| Ano  | Título da notícia   |
|------|---|
| 1964 | Partida de Militares para o Ultramar                              |
| 1965 | Propaganda Eleitoral da União Nacional em Coimbra                 |
| 1965 | Eleições à Assembleia Nacional                                    |
| 1965 | Telefonema para a Censura   |
| 1965 | Homenagem a António de Oliveira Salazar                           |
| 1966 | Bênção da Ponte Salazar   |
| 1968 | Missa Campal pelas Melhoras de Salazar                            |
| 1968 | Dom Manuel Gonçalves Cerejeira visita António de Oliveira Salazar |
| 1968 | Missa pelas Melhoras de Salazar                                   |
| 1968 | Missa no Brasil pelas Melhoras de Salazar                         |
| 1968 | Boletim Clínico de Salazar  |
| 1968 | Évora deseja as melhoras a Salazar                                |
| 1968 | Marcelo Caetano visita a Beira                                    |
| 1969 | Visita de Marcelo Caetano a Luanda                                |
| 1969 | Propaganda Eleitoral para as Eleições Legislativas                |
| 1969 | Chegada de Marcelo Caetano a Nova Iorque                          |
| 1969 | Votação para as Eleições Legislativas em Lisboa                   |
| 1969 | Entrevista a Salazar  |
| 1969 | Comemoração do dia da Comunidade luso brasileira                  |
| 1969 | Ampliação da Barragem Salazar                                     |
| 1972 | Programa: Conversas em Família                                    |
| 1973 | Inauguração do Monumento a Marcelo Caetano                        |
| 1973 | Visita de Caetano à Mocidade Portuguesa feminina                  |
| 1974 | Visita do Ministro do Ultramar às Colónias                        |
| 1974 | 25 de Abril nas Escolas e nas Universidades                       |
| 1974 | Gravação Telefonemas para a censura                               |
| 1974 | A igreja antes do 25 de abril                                     |

Fonte: Elaboração própria

1 RTP Arquivos: <https://arquivos.rtp.pt/>

O método de seleção das notícias foi concretizado com o objetivo de trazer diversidade de temáticas: desde a igreja ao ensino, da guerra colonial ao gabinete da censura ou até à propaganda eleitoral. Assim, escolhemos as notícias guiando-nos pela ideia de que a melhor forma de explorar esta temática seria através da análise e observação de várias perspetivas, não vinculando a pesquisa somente ao lado político, mas focalizando, também, na área social, cultural e religiosa. Apesar de todas as notícias selecionadas serem a preto e branco, incluímos peças mudas e sonoras, e com a duração entre um minuto a uma hora e meia.

Para análise, estabelecemos as seguintes categorias: intervenientes (para compreender quem participou no acontecimento noticiado); mensagem propagandística do governo (pois reconhecemos que o regime ditatorial difundia a sua ideologia onde possível, os meios de comunicação não foram exceção); elementos do Estado Novo (como a bandeira, o hino, mecanismos governamentais ou até referências religiosas ou do culto de personalidade); presença de manipulação ou adulteração de conteúdos/realidades (perceção de que nem tudo o que era transmitido se assemelhava ao que realmente acontecia); contexto histórico (de modo a podermos localizar a notícia cronológica e temporalmente); e, por último, o impacto pretendido (os *media* pressupõem uma audiência e uma reação, portanto, com este parâmetro pretendemos compreender que impacto o regime queria criar nas massas).

### **Análise comparativa**

Salazar e Caetano apresentam uma imagem pública distinta. O primeiro, mais austero e conservador, aposta na manutenção de uma nação passiva, ligada aos valores tradicionais e enraizada na moralidade católica. Parte da sua personalidade recatada serviu para instituir uma imagem de herói mítico da pátria, resguardando-se do público, sempre que possível. Essas características podem ser observadas na notícia Évora deseja as melhoras a Salazar (Arquivo RTP, 1968) veiculada imediatamente após o acidente do Chefe de Estado, colocando-o numa posição de herói no imaginário português, lutando com bravura contra a morte e provendo-se do apoio que o povo lhe concede incondicionalmente.

Marcello Caetano, por outro lado, sustenta uma posição mais acessível do regime, posicionando-se mais “próximo da ação” do que o seu predecessor — durante a administração de Salazar, já era personagem principal de comunicados ao país e declarações aos meios de comunicação. Durante o período que esteve no poder, Caetano preferia utilizar os *media* de forma mais ativa e dinâmica, participando pessoalmente nos *affairs* mediáticos. A sua ação nos meios de comunicação possibilitou a criação de conteúdos mais apelativos às massas, quebrando a abordagem retrógrada e austera de Salazar que se orgulhava do descrédito que tinha quanto à inovação, crendo proteger o seu povo dos males que provêm da modernidade. Isso quer dizer que o cerne do regime não se modificou com o falecimento de Salazar; pelo

contrário, manteve-se a ideologia de base, transformaram-se apenas as ferramentas de manutenção da ordem estabelecida, através da nova forma de olhar os *media* de Caetano.

Cádima (2010) destaca o vínculo entre a RTP e Marcelo Caetano, expondo o controlo que este exercia sobre o canal. É evidenciada a relação que tinha com o presidente do Conselho de Administração da RTP através de uma carta datada de 28/12/1970:

Conto com o apoio, fiel, dedicado e inteligente dos amigos, sobretudo daqueles a quem estão confiadas posições-chave, como sucede consigo. A televisão é nos tempos correntes um instrumento essencial de ação política e nós não podemos hesitar na sua utilização — nem em vedar aos adversários da ordem social essa arma de propaganda. Sei que está atento, mas nos tempos que correm toda a vigilância é pouca, toda a inteligência e argúcia na ação são insuficientes: há que pôr em jogo todas as nossas dificuldades de combate (Cádima, 2010, p. 63-64).

Segundo Mário Soares, Salazar era “um político representativo do país rural, imóvel, atrasado, provinciano que Portugal foi em grande parte durante o seu consulado e devido à sua ação” (Cádima, 2010, p. 59). Por outro lado, Caetano era uma pessoa mais aberta e dinâmica, dada à modernidade, propondo-se capaz de permitir o país evoluir na continuidade. Assim, Cádima (2010, p. 62) aponta a alteração da estratégia da RTP sob a gestão marcelista:

Os editoriais passam a ser redigidos com o enfoque na terceira pessoa, nas suas atividades e na sua agenda política, no seu pensamento, nas entrevistas que dá, nos livros que publica, nos factos políticos que cria, ou até no recurso à própria RTP para melhor chegar aos portugueses, cumprindo assim, aliás, o desiderato que havia imputado ao meio, essa espécie de prótese instrumental do novo poder (Cádima, 2010, p. 62).

As notícias da RTP selecionadas demonstram também uma clara divergência entre ambas as gestões no que toca aos acontecimentos transmitidos, à forma de os abordar e ao modo como a presença do Chefe de Estado é apresentada. Nos anos de Salazar, noticiavam-se celebrações e acontecimentos-chave para a manutenção do regime (como as eleições ou ocorrências relacionadas com as colónias), transmitiam-se peças de carácter monótono e, de modo a compensar a ausência efetiva de Salazar no foco das câmaras, apostava-se no misticismo da sua figura. Já sob a administração de Caetano, o enfoque desvia-se para ações do governo, mascarando o que já estava em vigor sob a bandeira da inovação, e dá-se uma crescente importância à guerra no Ultramar, apresentando os conteúdos de uma forma mais envolvente para as massas, exibindo o líder como o cabecilha da ação.

De facto, a guerra colonial foi abordada de modo diferente nas duas administrações. A análise das notícias *Partida de Militares para o Ultramar* (Arquivo RTP, 1964) e *Visita de Marcello Caetano a Luanda* (Arquivo RTP, 1969) corroboram esta afirmação. A notícia publicada

durante o governo de Salazar denota a tentativa de mistificar os assuntos do regime. Fala-se da partida dos militares para o Ultramar do Cais da Rocha de Conde de Óbidos, Lisboa, a bordo do navio “Vera Cruz” — primeiro nome que se deu ao território do Brasil após o desembarque da frota de Pedro Álvares Cabral em 1500, nome que fora atribuído ao navio possivelmente com o objetivo de contribuir para o imaginário heroico do passado português que o regime propagandeava, de modo a atribuir grandiosidade ao presente. No cais, apresentam-se os soldados perfilados, empunhando bandeiras e marchando ao som dos músicos. A encenação da despedida dos militares tem como objetivo torná-la num evento grandioso e cunhado de prestígio. Os soldados ganham um estatuto de heróis que se sacrificam em prol do bem maior — a nação. Também as suas famílias têm lugar de destaque, apoiando tal dedicação à pátria, sem sinais de oposição.

Note-se, também, a posição de Salazar na notícia. O líder e o seu governo são mencionados, porém não estão no foco principal. A inexistência de Salazar nos meios de comunicação, mesmo tratando-se de um assunto vital para o Estado, destaca o seu carácter recatado e a fraca aposta na televisão como modo de propaganda política: “O afastamento de Salazar do meio televisivo não se explica só pelas suas múltiplas fobias de tecnologia, inovação, público, publicidade, etc., mas, aparentemente, pelo seu desconhecimento das virtualidades instrumentais do novo *media*” (Cádima, 2010, p. 58).

O salto para o ano de 1969, no qual se insere a segunda notícia analisada sobre o Ultramar, traz a política mediática de Marcello Caetano à tona. Mais dinâmico, aborda a questão colonial como Salazar nunca o fez — o sucessor coloca-se como protagonista da ação e realiza uma visita de Estado a Luanda, capital de Angola. O pretexto é participar na cerimónia do primeiro licenciado da Universidade de Luanda, passando por vários locais, dos quais as instalações da Mocidade Portuguesa.

A abordagem de Marcello, agindo como um “relações públicas” do regime, em contraste com a “fuga das câmaras” de Salazar, demonstra a principal diferença na ação mediática das duas administrações — a instrumentalização da RTP como “objeto de propaganda do regime” chega a ser mais significativa no mandato de Caetano do que no seu predecessor (Cádima, 2010, p. 61). No entanto, os valores que os guiam não divergem.

A primeira notícia envolve a partida dos soldados num clima de heroísmo e sacrifício em prol da pátria, o que tem como finalidade talar a opinião pública em torno da necessidade e inevitabilidade da guerra. É suposto reter-se que a ação militar portuguesa é algo que trará resultados positivos tanto para as colónias, que carecem do controlo do regime, como para Portugal.

A segunda notícia segue os mesmos princípios: a nação é apresentada como força motriz das províncias ultramarinas, sem a qual estagnar-se-iam e seriam incapazes de se desenvolver. Na notícia, o próprio reitor da Universidade de Luanda refere o “poder criador dos portugueses”, através do qual foi possível a instituição do ensino superior na cidade. Quer-se alojar a ideia na cabeça dos portugueses de que o país encabeça uma missão necessária e

quase divina, sem a qual as colónias permaneceriam na ignorância e no subdesenvolvimento. Deste modo, o principal objetivo da visita de Estado de Caetano foi demonstrar o papel fulcral da metrópole no que toca ao desenvolvimento colonial e reforçar a noção de que o Império se encontra no seu apogeu, comparando a conjuntura da época aos Descobrimentos, marcando mais uma vez a diferença da forma de utilização da RTP.

Observamos algo semelhante na notícia *Visita do Ministro do Ultramar às Colónias* (Arquivo RTP, 1974), onde se mascara toda a guerra colonial e exhibe Portugal como agente fulcral de civilização e educação das colónias. Ainda no mandato de Marcello Caetano, foi veiculada a notícia *Ampliação da Barragem Salazar* (Arquivo RTP, 1969) que demonstra o poder que Portugal tinha sobre as Províncias Ultramarinas, sendo a força dinamizadora dos territórios — a única fonte de sustento e o verdadeiro impulso para o desenvolvimento económico e social. O Estado tinha como objetivo não o desenvolvimento destas civilizações, mas sim a sua exploração em prol da metrópole. De forma semelhante, na notícia *Inauguração do momento a Marcello Caetano* (Arquivo RTP, 1973), imprime-se a importância da presença portuguesa nas Províncias Ultramarinas — a presença lusa no continente africano faz-se tão essencial que se chegam a erguer estátuas em honra do chefe de Estado.

A honra inerente à portugalidade defendida pelo Estado faz a ponte para a abordagem mediática das eleições legislativas. Tanto a notícia *Propaganda Eleitoral da União Nacional em Coimbra* (Arquivo RTP, 1965) como a *Propaganda Eleitoral para as Eleições Legislativas* (Arquivo RTP, 1969) abordam narrativas alusivas ao nacionalismo exacerbado que impele aos portugueses para se mobilizarem às urnas a favor do partido do Estado. Em ambos os casos, a RTP divulga unicamente a campanha eleitoral da União Nacional, colocando em cheque a parcialidade da televisão do Estado e o modo como, ao longo de toda a ditadura, foi utilizada como ferramenta de propagação dos valores do regime.

Está patente em ambas as notícias os princípios transversais às duas administrações, as quais não medem esforços para imprimir no povo a ideia de união em torno do bem da nação. Incute-se, assim, um orgulho extremado na nacionalidade que não se dissipa na passagem do poder para Marcello. A diferença marca-se nas aparências — enquanto que, durante o governo de Salazar, a campanha eleitoral aposta no misticismo da portugalidade (o heroísmo dos soldados que partem para o Ultramar, como anteriormente referido), Caetano encabeça uma operação cosmética do Estado que apresenta o novo governo como reformista e compreensivo das necessidades de liberdade da população. A estratégia de Caetano não passou de uma manobra de aparências. No fundo, nada mudou — as eleições permaneceram fraudulentas e o regime totalitário. No entanto, o Chefe de Estado encontrou na crença da mudança uma ferramenta-chave para a manutenção do estabelecido. Também na peça *Votação para as eleições legislativas em Lisboa* (Arquivo RTP, 1969), se observa outras eleições fraudulentas, tal como as analisadas previamente, porém esta peça noticiosa pretende levar a população a votar através do exemplo do seu líder, levando-as a crer que têm poder de decisão, quando não têm.

Do mesmo modo, a censura opera uniformemente ao longo de todo o regime. O papel da autorização prévia nos *media* durante o mandato de Salazar está patente na peça *Telefonema para a censura* (Arquivo RTP, 1965). A chamada é protagonizada por um censor do Secretariado Nacional de Informação e o repórter do Rádio Clube Português José do Nascimento. Assiste-se a uma conversa em que o censor interroga o responsável por uma reportagem efetuada em Espanha sobre o assassinato de Humberto Delgado. O censor fala em tom jovial e despreocupado, de modo a manter a aparência de que se trata de um contacto inofensivo, feito para todos os meios de comunicação e fontes de informação. Este episódio identifica o papel da censura no controlo da informação divulgada em Portugal durante o Estado Novo — o próprio censor admite não ter discriminado conteúdo “perigoso” na reportagem, o que resume este contacto a uma demonstração de poder. O delito de opinião e qualquer excesso de linguagem contra o regime acionava a censura e excluía a possibilidade de publicação, bem como implicava a denúncia à polícia política com possibilidade de perda da liberdade do seu autor.

A ação da censura, renomeada de Exame Prévio após a operação cosmética do Estado de Caetano, não cedeu após a transferência do poder. A mudança de nome veio trazer apenas a ilusão de renovação; no entanto, o controlo dos *media* não abrandou. O 25 de abril de 1974 trouxe à tona o modo como se fazia a censura — a peça *Gravação de telefonemas entre serviços da censura* (Arquivo RTP, 1974) demonstra o poder que os censores tinham sobre o conteúdo difundido nos *media*. Fala-se sobre a alteração de títulos, cortes e manipulação de notícias a realizar entre 20 e 25 de abril. Passam apenas as notícias que cumprem os parâmetros previamente estipulados. Uma das peças cortadas trata-se da tomada do Terreiro do Paço pela Escola Prática de Cavalaria de Santarém e o comunicado sobre as iniciativas a tomar pela PSP, GNR, DGS e Legião Portuguesa. Dão-se instruções para notícias relativas ao Quartel do Carmo e à ocupação de Lisboa por militares.

Deste modo, na administração de Caetano, o Estado não deixa de exercer o seu poder sobre os *media* e, em consequência, sobre a perspetiva da população face aos acontecimentos. Estes eram manipulados ou simplesmente eliminados, o que oferecia às pessoas uma visão incompleta do que acontecia, um ponto de vista conforme a narrativa do regime. Os episódios noticiados eram reduzidos a uma única visão do mundo, homogénea e criadora de consensos, “(...) fundada sobre o esquecimento, visão da história colonizada pela estratégia discursiva de legitimação da razão de Estado e do protagonismo político” (Cádima, 2010, pp. 64-65).

Depreende-se, assim, que a verdadeira diferença entre as abordagens mediáticas das duas administrações destaca-se na encenação do poder. Salazar resguarda-se na sua figura de herói da pátria, oculto do escrutínio público — quem não se destaca não tem as suas ações e palavras distorcidas. O “culto do chefe” está patente na notícia *Homenagem a Salazar no Porto* (Arquivo RTP, 1965), em que se reporta a celebração do 37º aniversário de Salazar no governo. Festeja-se a subida do líder ao poder como se fosse a chegada de um salvador que

impugnaria todos os males da pátria, encenando uma celebração megalómana em nome do Chefe de Estado. Ora, Salazar nem sequer estava presente, sendo substituído por um retrato seu. A ausência do líder apenas contribuiu para a sua divinização. O culto do chefe afirmado pelos valores católicos é notado em várias notícias acerca da doença de Salazar: *Missa campal pelas melhoras de Salazar* (Arquivo RTP, 1968), *Dom Manuel Gonçalves Cerejeira visita António de Oliveira Salazar* (Arquivo RTP, 1968), *Missa pelas Melhoras de Salazar* (Arquivo RTP, 1968) e *Missa no Brasil pelas Melhoras de Salazar* (Arquivo RTP, 1968). Todas estas abordagens imprimem uma imagem de um Estado forte e de uma nação unida que venera o seu líder, olhando-o como merecedor de salvação divina. Aqui, a Igreja detém um papel central incrementando a vivacidade e importância de um dos pilares do regime. É observado nestas peças noticiosas um culto do chefe exacerbado invocado através de cerimónias religiosas.

É de notar, também, a política de obras públicas de Salazar. A RTP cobriu a *Bênção da Ponte Salazar* (Arquivo RTP, 1966), hoje Ponte 25 de Abril, a qual contou com uma cerimónia formal e grandiosa. Passa-se uma ideia de riqueza do Estado e de uma aparente modernidade, através das obras megalómanas para a época (a ponte e o Cristo Rei também destacado na peça) e da presença de automóveis a circular. A notícia tem como objetivo reforçar a importância da religião católica e, em simultâneo, enaltecer a obra grandiosa construída em homenagem a Salazar. Está, assim, implícita a devoção, tanto à religião como ao regime, que se esperava que a população tivesse.

A abordagem de Marcello Caetano consolida-se na abertura dissimulada dos assuntos do Estado. A programação da RTP incluía um segmento protagonizado por Caetano, as *Conversas em Família* (Arquivo RTP, 1972) — denote-se os valores do regime que permanecem após o falecimento de Salazar — no qual refletia sobre os problemas e ações do Estado. Cádima aponta o programa como essencial para a “reformulação da estratégia de instrumentalização da televisão” (Cádima, 2010, p. 62). A sua boa capacidade oratória permitia a Caetano chegar ao público com facilidade, abordando os objetos governamentais de forma apelativa para as massas e conforme as diretrizes do regime. São, também, exploradas novas técnicas mediáticas — o próprio nome do programa indica uma certa aproximação ao público, contrastante com a frieza dos conteúdos do tempo de Salazar.

No programa de 21 de maio de 1972, abordou a nova lei orgânica do Ultramar, apelando à união de forças da pátria — “Somos um país pluricontinental e plurirracial com um só espírito, um só governo, uma só bandeira” (Marcello Caetano, 1972). O decreto admitiu uma certa autonomia às províncias ultramarinas, passando estas a ser livres de adotar medidas próprias, desde que, aos olhos do governo da metrópole, não pusesse em causa a unidade da nação. A emancipação das colónias não passa, no entanto, do papel — os órgãos de soberania do governo central mantiveram o poder sobre estes territórios. Deste modo, a reforma não passou de mais um elemento na operação cosmética do Estado, apresentada no programa por Caetano sob um prenúncio de mudança que serviria para fomentar o ânimo dos portugueses.

O novo Estatuto da Imprensa foi, também, tópico da “conversa” de Caetano. Decretou-se que, enquanto se mantivesse o estado calamitoso no Ultramar, todos os textos informativos estariam sujeitos a uma revisão prévia por entidades governamentais — note-se a tentativa de justificar a censura perante as promessas de liberdade. Caetano tenta relativizar a situação, defendendo que, devido à sujeição da imprensa à censura prévia durante quase meio século, a sua remodelação deveria ser gradual, de modo a evitar abusos. Também a fase delicada da guerra seria razão para o controlo mediático do Estado, para que não se tornassem públicas informações que pudessem comprometer as diretivas nacionais. No entanto, Caetano não abdica da narrativa esperançosa de que, um dia, pudesse ser concedida a liberdade à imprensa, já que esta só lhe é retirada devido às forças externas que ameaçam minar a prosperidade de Portugal.

Demonstra-se, assim, que a utilização da RTP como ferramenta do regime esteve dependente do próprio carácter dos governantes. Salazar transparece o seu recato enquanto líder, sendo pintado como um “herói de bastidores” nesta estação televisiva. Por outro lado, denota-se o dinamismo de Caetano através do discurso mais apelativo às massas e à exploração de novas formas de transmitir o conteúdo televisivo. As diferenças do formato utilizado nas duas administrações poder-se-ia explicar pela falta de recursos no tempo de Salazar — note-se que a maior parte das notícias analisadas são em vídeo mudo — *Partida de militares para o Ultramar* (Arquivo RTP, 1964) e *Bênção da Ponte Salazar* (Arquivo RTP, 1966), por exemplo. No entanto, sabe-se que o regime tinha acesso a meios mais modernos, tendo em conta que, ainda quando Marcello Caetano fazia parte do governo de Salazar, já fazia comunicados ao público, utilizando as ferramentas que instituiu nos *media* quando chegou ao poder. Destaque-se, também, a notícia *Propaganda Eleitoral da União Nacional em Coimbra* (Arquivo RTP, 1965), que apresenta Lopes de Almeida, candidato da UN a Coimbra discursar perante uma audiência — assim, sabe-se que era possível recorrer ao som nas notícias, optando-se por não o fazer regularmente devido à política adotada por Salazar.

Analisou-se, ainda, um conjunto de notícias que relatam as mudanças introduzidas com a Revolução dos Cravos, deixando a descoberto a profundidade das raízes do controlo exercido pelo governo na imprensa. A notícia *25 de abril nas escolas e nas universidades* (Arquivo RTP, 1974) veio demonstrar o grau de controlo e manipulação que se encontrava presente no ensino durante o Estado Novo ao revelar o descontentamento dos estudantes tanto do ensino superior como dos liceus com a forma como os conteúdos eram lecionados. Na notícia evidencia-se, em particular, a imposição de currículos às universidades pelo governo central, sendo estes caracterizados pelos estudantes como castradores, antiquados e projetados num formato que valorizava o decorar em vez de estimular o espírito crítico (Arquivo RTP, 1974).

Outra peça reveladora das posições do Estado trata-se da notícia *A Igreja antes do 25 de Abril* (Arquivo RTP, 1974) em que se constata membros do clero a confessar a corrupção e os comportamentos inadequados praticados por diversas figuras do grupo eclesiástico. Estes

atos descritos como escandalosos eram camuflados pelo Estado, que tinha como um dos seus pilares os valores do catolicismo.

A partir da análise, observamos que o facto de passar a ser possível emitir qualquer tipo de comentário ou notícia por parte da RTP, da imprensa ou qualquer cidadão, demonstra a mudança visceral do panorama mediático nacional. Passa a ser permitida uma expressão mais livre, que resulta de forma instantânea num desabafo coletivo contra a supressão das liberdades efetuada pelo Estado Novo.

Contudo, é importante frisar que a RTP no pós-ditadura continuou a ser instrumentalizada por forças externas. Carla Baptista (2019) aborda a grande influência das Forças Armadas no modo como se fez televisão imediatamente após o golpe de Estado, atuando como o extremo oposto do regime. É de notar, contudo, que os militares não exerceram o seu controlo sobre os *media* de modo organizado, premeditado e canónico — o domínio militar da RTP deu-se sem o desprezo das liberdades básicas da imprensa e baseou-se na instituição dos valores revolucionários numa sociedade mergulhada na ignorância. Nesta nota, a RTP continua a ser nos dias de hoje um canal com uma ligação profunda ao Estado, cujo domínio apresenta contornos muito distintos e direitos absolutamente diferentes do que ocorria durante o controlo opressivo a que o canal estava sujeito no tempo da ditadura de Salazar e Caetano.

## Conclusão

Através deste estudo, podemos afirmar que as principais diferenças da cobertura mediática da RTP entre Salazar e Caetano são evidentes, sendo possível chamá-los de polos opostos em termos de abordagem no uso da televisão como ferramenta política de disseminação dos ideais do regime ditatorial.

Salazar encontrava-se reticente em ajustar-se e explorar as novidades tecnológicas ao seu dispor. Por consequência, não via a televisão como algo com particular potencial para a política, aparecendo, por várias vezes, enaltecido nas notícias, mas nunca assumindo protagonismo. Além disso, a sua personalidade pacata e introvertida aliada ao facto de não ter talentos de orador fizeram com que as notícias da sua administração fossem, muitas vezes, mudas ou que pudessem, de alguma forma, minimizar a exposição do Chefe de Estado.

No outro extremo, Marcello Caetano tem uma postura oposta em relação ao potencial político da transmissão televisiva, sendo, aliás, um dos maiores impulsionadores do projeto RTP. Marcello esteve, desde o início, ciente do poder da televisão no controlo da opinião pública e, já no governo de Salazar, comunicava com a nação através dos *media*. A sua abordagem era marcada por uma constante presença nas notícias e uma abundância de discursos em que eram expostos ao público os principais eventos políticos realizados durante a semana, numa tentativa de criar uma sensação de proximidade entre os cidadãos e o governo — deste modo,

a população tinha a ilusão de estar mais envolvida na tomada de decisão. Os conteúdos eram analisados previamente e a imagem do regime era projetada detalhadamente, de forma a mostrar exclusivamente aquilo que era benéfico para o partido no poder.

Apesar de existirem diferenças na forma como os dois ditadores usufruíam da cobertura mediática da RTP, existiam traços comuns entre ambos. O enfoque particular no controlo da informação é partilhado por Marcello e Salazar, cuja maior preocupação era o controlo da imagem do seu governo passada ao público através dos *media*. O controlo prévio, a manipulação da opinião pública e a seleção cuidadosa de eventos a que o público devia ser exposto são todos fatores que ligam estes dirigentes políticos. Por fim, as suas doutrinas e ideais políticos são também o semelhantes, sendo a maioria das medidas tomadas por Marcello Caetano após a queda de Salazar apenas uma operação cosmética com o intuito de manter a doutrina salazarista de forma camuflada para não perder controlo da nação.

Conclui-se, assim, que estes líderes eram diferentes na imagem que faziam transparecer na televisão, mas o seu objetivo final de foro político é semelhante. Converte-se, então, na finalidade da ação mediática, a qual consiste no controlo da opinião pública, na propagação dos feitos grandiosos do regime e na manipulação dos meios de comunicação, de forma a garantir que nenhuma corrente que ponha o poder do governo em causa fosse exposta ao país.

## Referências bibliográficas

- Arquivo RTP (1964) *Partida de Militares para o Ultramar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/partida-de-militares-para-o-ultramar/>
- Arquivo RTP (1965a) *Telefonema para a censura*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/telefonema-para-a-censura/>
- Arquivo RTP (1965b) *Início da Construção da Ponte Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/inicio-da-construcao-da-ponte-salazar/>
- Arquivo RTP (1965c) *Homenagem a António de Oliveira Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/homenagem-a-antonio-de-oliveira-salazar/>
- Arquivo RTP (1965d) *Propaganda Eleitoral da União Nacional em Coimbra*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/propaganda-eleitoral-da-uniao-nacional-em-coimbra/>
- Arquivo RTP (1966) *Bênção da Ponte Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/bencao-da-ponte-salazar/>
- Arquivo RTP (1968a) Évora deseja melhoras a Salazar. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/evora-deseja-as-melhoras-a-salazar/>
- Arquivo RTP (1968b). Dom Manuel Gonçalves Cerejeira visita António de Oliveira Salazar. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/dom-manuel-goncalves-cerejeira-visita-antonio-de-oliveira-salazar/>
- Arquivo RTP (1968c). *Boletim Clínico de Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/boletim-clinico-de-salazar/>
- Arquivo RTP (1968d) *Missa campal pelas melhoras de Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/missa-campal-pelas-melhoras-de-salazar/>
- Arquivo RTP (1968e). *Missa pelas melhoras de salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/missa-pelas-melhoras-de-salazar/>
- Arquivo RTP (1968f). *Missa no Brasil pelas melhoras de Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/missa-no-brasil-pelas-melhoras-de-salazar/>
- Arquivo RTP (1968g). *Marcelo Caetano Visita a Beira*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/marcelo-caetano-visita-a-beira/>
- Arquivo RTP (1969a) *Visita de Marcelo Caetano a Luanda*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-de-marcelo-caetano-a-luanda/>
- Arquivo RTP (1969b) *Propaganda Eleitoral para as Eleições Legislativas*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/propaganda-eleitoral-para-as-eleicoes-legislativas/>
- Arquivo RTP (1969c). *Chegada de Marcelo Caetano a Nova Iorque*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/chegada-de-marcelo-caetano-a-nova-iorque-2/>
- Arquivo RTP (1969d). *Ampliação da Barragem Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/ampliacao-da-barragem-salazar/>
- Arquivo RTP (1969e). *Comemoração do dia da comunidade luso brasileira*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/comemoracao-do-dia-da-comunidade-luso-brasileira>
- Arquivo RTP (1969f). *Entrevista a Salazar*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/entrevista-a-antonio-de-oliveira-salazar-apagar-upitn/>
- Arquivo RTP (1969g). *Votação para as eleições legislativas em Lisboa*. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/votacao-para-as-eleicoes-legislativas-em-lisboa/>
- Arquivo RTP (1972) *Conversas em Família*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-em-familia-19/>
- Arquivo RTP (1973a). *Inauguração do monumento a Marcelo Caetano*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cerimonia-de-inauguracao-de-monumento-a-marcelo-caetano/>
- Arquivo RTP (1973b). Visita de Caetano a acampamento da mocidade portuguesa feminina. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-de-marcelo-caetano-a-acampamento-da-mocidade-portuguesa-feminina/>
- Arquivo RTP (1974a) *A Igreja antes do 25 de Abril*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-igreja-antes-da-revolucao-do-25-de-abril/>
- Arquivo RTP (1974b). *Gravação de Telefonemas entre Serviços da Censura*. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/gravacao-de-telefonemas-dos-servicos-da-censura/>
- Arquivo RTP (1974c). Visita do Ministro do Ultramar às Colónias. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/visita-do-ministro-do-ultramar-as-colonias/> [consultado a 25 de setembro de 2020]
- Arquivo RTP (1974d). *25 de Abril nas Escolas e nas Universidades*. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-25-de-abril-nas-escolas-e-nas-universidades/>
- Azevedo, A. (2014). *28 de maio de 1926: O dia em que Portugal entrou no caminho do Estado Novo*. JPN. <https://jpn.up.pt/2014/05/28/28-de-maio-de-1926-o-dia-em-que-portugal-entrou-no-caminho-do-estado-novo/>
- Baptista, C. (2019). A invenção da televisão revolucionária — a RTP durante o PREC (1974-1975). *Media & Jornalismo*, 19 (35).
- Cádima, F. (2010). *Imagens E Representações Da Ditadura Portuguesa Na Televisão (1957-1974)*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Couto, C. Rosas, M. (2016). *Um Novo Tempo da História*. Porto Editora.
- Empresa. (2020). *História | Empresa | RTP*. <https://media.rtp.pt/empresa/rtp/historia/>
- Grilo, M. (2018) *História e Ideologia no Estado Novo — A Revisão Integralista do Passado Nacional*. Universidade do Algarve.
- Moura, F. (2018) *A Propaganda no Estado Novo: Uma abordagem de ensino/aprendizagem Construtivista e cooperativa* [Relatório de Mestrado, Universidade de Coimbra].
- Pinto, D. (2010) *Ensaio Sobre a Evolução Política do Estado Novo* [Tese de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa].
- Ruívo, F. (2013) *Spínolismo: Viragem Política e Movimentos Sociais*. [Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa].
- Silva, D. (2020) *Salazarismo — História Do Mundo*. <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/salazarismo.html>